



"MUSEU SIMEÃO CANANEIA" - UM ESPAÇO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO EM BANANEIRAS

Vivian Galdino de Andrade
Universidade Federal da Paraíba
vivetica@hotmail.com

Rayane Cristina Ilário Nascimento
Universidade Federal da Paraíba
rayane1365@hotmail.com

RESUMO

Este artigo discute o Museu Simeão Cananéia como um lugar de educação em Bananeiras/PB. Fruto de uma pesquisa fundamentada na metodologia da educação patrimonial, expressa o desejo de registrar uma história, produzida a partir da relação que o museu tece com a cidade. As memórias talhadas no acervo, inscritas no patrimônio arquitetônico e dadas a perceber pelas imagens e sons que ecoam durante as visitas que recebe foram elementos significativos para a produção desta escrita. O regimento da instituição, o decreto de criação, o inventário do acervo e o livro de assinaturas foram fontes históricas que também consultados. Ao final desta investigação, constatamos que o museu carece de ações que potencializem suas possibilidades pedagógicas nas mais diversas áreas do saber, tanto como um veículo divulgador da história local, quanto como uma instituição que eduque e estimule o sentimento de preservação das "coisas" da cidade.

Palavras-chave: Museu. Educação patrimonial. Bananeiras.

"MUSEUM SIMEÃO CANANEIA" - A SPACE OF HISTORY AND EDUCATION IN BANANEIRAS

ABSTRACT

This article discuss the Simeon Cananéia Museum (MSC) as a place of education in Bananeiras/PB. The result based on the methodology of patrimonial education, this text expresses the desire to record a history for the museum, produced from its relation with the city. The memories carved in collection, inscribed in architectural patrimony and realizing by the images and sounds that echo during the visits to the museum were significant elements for the production of this writing. The institution's regulations, the creation decree, the inventory of the collection and the book of signatures were also consulted. At the end of this research, we find that the museum needs actions that enhance its pedagogical possibilities in the most diverse areas of knowledge, both as a vehicle for divulging local history and as an institution that educates and stimulate the sense of preservation of city things.

Keywords: Museum. Patrimonial education. Bananeiras.

"MUSEO SIMEÃO CANANEIA" - UN ESPACIO DE HISTORIA Y EDUCACIÓN EN BANANEIRAS



RESUMEN

Este artículo discute el Museo Simeón Cananéia como un lugar de educación en Bananeiras / PB. Fruto de una investigación fundamentada en la metodología de la educación patrimonial, expresa el deseo de registrar una historia, producida a partir de la relación del museo con la ciudad. Las memorias talladas en el acervo, inscritas en el patrimonio arquitectónico y dadas a percibir por las imágenes y sonidos que resonan durante las visitas que recibe, fueron elementos significativos para la producción de esta escritura. El regimiento de la institución, el decreto de creación, el inventario del acervo y el libro de firmas también fueron consultados. Al final de esta investigación, constatamos que el museo carece de acciones que potencien sus posibilidades pedagógicas en las más diversas áreas del saber, tanto como un vehículo divulgador de la historia local, como como institución que eduque y estimule el sentimiento de preservación de las cosas de la ciudad.

Palabras clave: Museo. Educación patrimonial. Bananeiras.

"MUSÉE SIMEÃO CANANEIA" - UN ESPACE D'HISTOIRE ET D'ÉDUCATION À BANANEIRAS

RESUME

Cet article traite du musée Simeão Cananéia en tant que lieu d'éducation à Bananeiras / PB. Le résultat d'une recherche basée sur la méthodologie de l'éducation au patrimoine, exprime le désir d'enregistrer une histoire, issue de la relation tissée entre le musée et la ville. Les souvenirs gravés dans la collection, inscrits dans le patrimoine architectural et donnés par les images et les sons qui résonnent lors des visites qu'il reçoit sont des éléments importants de la production de cet écrit. La charte de l'institution, le décret de création, l'inventaire de la collection et le cahier de signatures sont des sources historiques qui ont également été consultées. Au terme de cette enquête, nous constatons que le musée manque d'actions lui permettant d'améliorer ses possibilités pédagogiques dans divers domaines de la connaissance, à la fois en tant que vecteur de diffusion de l'histoire locale et en tant qu'institution qui éduque et stimule le sens de la préservation des «choses» de la ville.

Mots-clés: Musée. Éducation au patrimoine. Bananeiras.

OS PRIMEIROS PASSOS...

Bananeiras é uma cidade do brejo paraibano, localizada a 141km da capital João Pessoa. Parte integrante da trajetória dos Caminhos do Frio, de Padre Ibiapina e Rota dos Engenhos (eventos proporcionados pelo turismo ecológico e religioso na Paraíba), a cidade traz, além do clima agradável, atrativos históricos, tais como: os casarões coloniais, sítios arqueológicos e paisagens naturais, cenários desenhados por um passado que foi talhado em seu Centro Histórico.



Cenário de nossa pesquisa, a cidade é sede do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros (CAVN), instituição escolar existente na região há mais de 9 décadas. Sua origem pode ser datada ainda de 1924, com a criação do Patronato Agrícola Vidal de Negreiros¹ pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. Também abrigou o antigo Centro de Formação de Tecnólogos (CFT), hoje atual Campus III da Universidade Federal da Paraíba.

Detentora de um significativo patrimônio arquitetônico, substanciado por edificações que rememoram a produção do café, a cidade teve seu Centro Histórico tombado pelo IPHAEP conforme Decreto 31.842/2010. Foi para discutir as relações que se estabelecem entre o patrimônio histórico de Bananeiras, a memória e a educação que propomos este artigo, fruto dos estudos realizados pelo Grupo de Pesquisa 'História da Educação do Brejo Paraibano - HEBP'².

Durante a vida cidadina, lembranças vão sendo adormecidas no passado e no presente, vínculos vão sendo esquecidos e são os espaços de memória que nos mantêm conectados com uma identidade coletiva local, e por assim dizer, com o próprio passado. É o que nos lembra Pierre Nora em "Entre a memória e a História: a problemática dos lugares" (1993), quando aponta a contemporaneidade da memória, uma vez que é por meio dela que evocamos experiências vivenciadas, lugares e espaços conhecidos, salvaguardando uma história, um passado e uma identidade.

O museu, como um destes espaços de memória, acaba propiciando uma experiência sensorial múltipla, reunindo os sentidos que podem ser aguçados ao se deparar com uma determinada obra/acervo. É um ambiente pulsante, que nos leva a ver e também a sermos vistos, na medida em que entrelaça as temporalidades, nos envolvendo e situando nos mais diversos lugares.

Estes ambientes ainda proporcionam um contato com o dizível e o indizível, traduzindo formas de pensamento e concepções de mundo por meio de artefatos históricos e exposições culturais. Ele nos ensinar a ver! Este aspecto aparentemente sensorial é fruto de um exercício cotidiano, de uma pedagogia do olhar que nos leva a enxergar um certo tipo de saber pelo ver. Os museus são “[...] espaços altamente sedutores, instigadores de nossa imaginação, da nossa ludicidade, são espaços argumentativos e persuasivos” (MATTOS, 2005, p. 2).

¹ O Patronato em 1976 se torna Colégio Agrícola Vidal de Negreiros – CAVN, vinculada à UFPB.

² Conheça mais de nosso Grupo de Pesquisa acessando o seguinte endereço: <http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/menu/acervos-digitais/grupo-de-pesquisa-hebp>.



Em contrapartida, a criação de um museu, a disposição de suas peças, a falta de articulação entre o que é exposto com o que é vivido tem conduzido estes espaços de memória a serem interpretados como lugares mortos, apagados e perdidos nos circuitos da história. Composto de um acervo tão distante do/no tempo do sujeito que o visita, ele não desperta vínculos e familiaridade. Talvez assim tem sido interpretado o MSC em Bananeiras.

No entanto, acreditamos na assertiva que postula os museus como ambientes de aprendizagem, que propiciam a vivência de estímulos e sensações, mexendo com o olhar, com a memória e com as lembranças afetivas dos sujeitos. Espaços de educação não-formal (GOHN, 2006), os museus compartilham experiências que viram história, e precisam ser repensados como instrumentos de sociabilidade e salvaguarda de uma história local.

Na expectativa de refletir o Museu Municipal Desembargador Simeão Cananeia (MSC), e guiados pelos princípios pedagógicos da Educação Patrimonial, convidamos o leitor a embarcar neste texto, que visa entrelaçar fatos, costurar memórias e tecer uma história. Detentor de várias narrativas, é o MSC mais um produto/produtor de histórias sobre a cidade de Bananeiras.

'E ALI SE FUNDA UM MUSEU'! O MSC E O COMPLEXO DA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA

O Museu Simeão Cananéia foi fruto das diversas ações que foram desenvolvidas em Bananeiras durante os anos de 2008 e 2009, entre elas a que corroborou no tombamento do Centro Histórico do Município pelo IPHAEP, segundo Decreto Nº 31.842/2010. Criado pela Lei Municipal Nº 381 (de 20 de dezembro de 2007), o MSC nasceu da parceria entre o Ministério da Cultura e o IPHAN, através do edital do Projeto 'Mais Museus', publicado dentro do Programa 'Museu, Memória e Cidadania'. Para sua constituição a Prefeitura também contou com o auxílio do Fundo de Incentivo à Cultura Augusto dos Anjos (FIC)³, que liberou recursos destinados para a restauração do imóvel e a composição de seu acervo.

³“FIC Augusto dos Anjos é o principal mecanismo de fomento à produção artística e cultural do Estado da Paraíba. Através de patrocínio, o FIC tem por objetivos estimular a formação, incentivar a produção e fomentar a preservação e a difusão dos patrimônios materiais e imateriais da Paraíba”. Disponível em: <http://www.fic.pb.gov.br/institucional/sobre/>. Acesso em: 10 jan. 2019.

**FIGURA 01** - Parte frontal do MSC, 2017.

Fonte: <https://www.facebook.com/museusemeao.cananeia>.

A escolha do espaço onde seria instituído o primeiro museu da cidade tinha que está atrelada a um prédio que representaria simbolicamente parte de sua história. O conjunto arquitetônico da Estação Ferroviária, onde o museu está situado, constitui-se pelo Túnel da Viração, pelo antigo armazém, pela plataforma de embarque e desembarque e pela casa do fiscal (sede do museu). Tais edificações possuem características provenientes do estilo eclético⁴, predominante também nas demais construções arquitetônicas da cidade.

Também conhecida como Vila Ferroviária, o Complexo Arquitetônico da Estação resguarda uma parte importante da memória da cidade, a começar pela produção cafeeira, fator que corroborou na necessidade de construção deste espaço em meados de 1922. De acordo com Paulino (2007, p. 36):

A estação de trem só foi inaugurada 72 anos depois, quando a economia cafeeira já havia entrado em declínio em decorrência da praga do bicudo (*Cerococusparaibensis*) que contaminou as plantações no ano de 1923. A edificação da estação foi concluída em 1922, no entanto só em 1925 foi inaugurada a estação ferroviária de Bananeiras pela Great Western. A estrada na época se chamava E. F. Independência ao Picuhy, e deveria ligar a estação de

⁴ "O Eclétismo foi um estilo arquitetônico que teve início no Brasil no final do século XIX e perdurou até as primeiras décadas do século XX. É basicamente a mistura de estilos arquitetônicos que exibiam elementos da arquitetura clássica, gótica, barroca e neoclássica". Fonte: <https://archiinbrazil.wordpress.com/arquitetura-ecletica/>. Acesso em: 12 dez. 2017.



Independência (hoje Guarabira), saindo pela estação de Itamataí, na linha Norte da Great Western, à localidade de Picuhy. Foram 15 anos para construção de 35km, onde para isso foi necessária a construção de um túnel de 202m para que o trem que oriundo de Camucá, atual município de Borborema, chegasse a Bananeiras.

Apesar da construção da Estação, o trem jamais chegaria ao seu ponto final. A "*Estrada de Ferro Independência - Picuhy*" não foi concluída em sua totalidade, uma vez que o Governo Federal da época, sob a presidência de Artur Bernardes, cortou todas as verbas para a construção de obras pelo país em 1923. Sendo assim, a estruturação dos trilhos pararia na cidade de Bananeiras, mas este ramal só seria desativado décadas depois, mais precisamente em 1967. Ainda acerca da construção da malha ferroviária, Silva (1997, p. 34) assinala que: "[...] de início, a via férrea chegou no túnel, construído sob a serra de Viração, passando entre gargantas de serra e várzeas. Com muita dificuldade, os engenheiros conseguiram ultrapassar as encostas e pântanos na região, cujo trecho foi inaugurado em 22 de Setembro de 1922".

O túnel⁵ ganharia o nome de Viração, em referência a Serra, e nos dias atuais é posto como um ponto turístico da cidade. Apropriado de diversas maneiras, desde espaço de muitas festividades juninas como o 'Forró no Trem' a cenário para a produção do longa metragem *Incursão* (2018)⁶, o túnel inscreve uma bela construção dentro da paisagem citadina.

⁵ O túnel apresenta as seguintes medidas: "Comprimento total: 118 metros; Largura da "boca" norte: 3,85 metros; Largura da "boca" sul: 3,95 metros e Boca do túnel: 5,50 (aprox.) de altura". Dados disponíveis no seguinte endereço: <http://historiaferroviariaparaibana.blogspot.com.br/2016/03/visita-ao-tunel-da-serra-da-viracao.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.

⁶O filme tem a "Direção de [Eduardo P. Moreira](#) e [Silvio Toledo](#); Elenco: [Fabio Campos](#), [Raquel Rolim](#), [Arly Arnaud](#) [[mais](#)]; Gênero [Suspense](#). Nacionalidade [Brasil](#)". Dados disponíveis em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-262666/>. Acesso em: 10 jan. 2019.



FIGURA 02 - Túnel sob a Serra da Viração, 1922.



Fonte: <http://historiaferroviariaparaibana.blogspot.com.br/2016/03/>.

FIGURA 03 - Túnel nos dias atuais.



Fonte: <http://historiaferroviariaparaibana.blogspot.com.br/2016/03/>.

Tal como as demais urbes paraibanas, a chegada do trem simbolizaria em Bananeiras o desenvolvimento do comércio, dando condições para a ampliação da renda econômica dos seus



habitantes. Mesmo sem ter sido concluída em sua totalidade, a obra gerou expectativas e diversos empregos na cidade. Sobre isso, menciona Silva (1997, p. 34-35):

Bananeiras, face à vinda do trem, prosperou em todos os sentidos: comercial, educacional e agroindustrial, enfim, contribuiu bastante para que seu povo desenvolvesse no aspecto sócio-econômico que a cidade podia oferecer. As indústrias de fumo, cisal, algodão, da cana-de-açúcar, a agropecuária tinham seu transporte certo para o mercado consumidor. Toda a produção agrícola: do café, da banana, verduras e cereais eram transportados para os armazéns, através do trem. A população também se beneficiava, locomovendo-se para os mais diversos destinos.

A construção da estação ferroviária possibilitaria o aumento no fluxo entre os moradores da cidade e da região, promovendo o surgimento de novas relações comerciais. A chegada do trem e do telégrafo foi de fundamental importância para a modernização da economia na região. Além destas aspirações, a própria construção destas edificações sinalizava um aumento do número de pessoas empregadas, envolvidas nas articulações e negociações que envolviam obras deste porte à época. Logo após a finalização de suas atividades, a Estação permaneceria fechada, passando a ser administrada pela Prefeitura Municipal.

FIGURA 04 - Estação de Bananeiras nos anos de 1922 (construção)



Fonte: www.ramalholeite.com.br.



FIGURA 05 - Estação de Bananeiras nos anos de 1925 (inauguração).



Fonte: www.ramalholeite.com.br.

Foi apenas nos anos de 1990 que ela passaria a se destinar ao setor hoteleiro de Bananeiras. A casa do Fiscal, que no ano de 2008 se tornou o MSC, teria sido sede para ensaios da banda da cidade, como também residência para alguns administradores que passaram pelas Pousadas ali instaladas. Tais edificações são hoje os cartões postais da cidade, representando Bananeiras em eventos internacionais, revistas e sites diversos dispostos na rede mundial de computadores.

O complexo da Estação está, até a presente data de produção deste artigo, destinado ao funcionamento de um hotel – Estação Bananeiras Pousada, considerada por alguns arquitetos como referência no que tange ao bom convívio entre o patrimônio histórico e a modernização da fachada, uma vez que após reforma conseguiu resguardar as características arquitetônicas anteriores. É o que possível visualizar nas imagens que se seguem:



FIGURA 06 - Estação Bananeiras Pousada – Antes



Fonte: Domínio Público, 2017.

FIGURA 07 - Estação Bananeiras Pousada Antes – Depois



Fonte: Domínio Público, 2017.

Nas imagens identificamos que as mudanças feitas no Complexo não o descaracterizaram de forma tão significativa, tendo em vista que as adaptações realizadas tomaram como base a utilização de *containers*. No final do ano de 2017, para compor a paisagem histórica do Complexo,



foi trazido uma maria fumaça como elemento decorativo colocado defronte ao restaurante, referendando o que seria a antiga plataforma de embarque e desembarque da cidade.

Na edificação em que se situa o MSC nenhuma alteração foi realizada, estando o prédio com os mesmos traçados originais de sua construção. O nome que o intitula rende homenagem a um cidadão paraibano pertencente à cidade de Remígio - Simeão Cananéia - personagem posto como referência na área da Educação e Direito, por ter sido presidente da Campanha de Educação de Menores⁷ da cidade.

O Museu Desembargador Simeão Fernandes Cardoso Cananea rende uma homenagem ao grande Paraibano nascido em Remígio em 12 de dezembro de 1920. Tendo-se formado em Direito em Maceió em 1949, fez concurso para juiz de Direito em 1953 assumindo a primeira das quatro comarcas em Santa Luzia no sertão envolvendo-se muito com a educação, alunos e familiares. (MUSEU SIMEÃO CANANÉIA, 2015).

Em conversas informais descobrimos que o juiz Simeão Cananéia utilizava de sua posição para obrigar os pais a matricular seus filhos na escola. Por esse motivo, foi escolhido para intitular o Museu da cidade, conforme aponta o Art. 4º do Decreto de criação, que institui que "O Museu Municipal de Bananeiras será denominado de 'Desembargador Simeão Cananéia', em homenagem ao ex-juiz comarcano, fundador do Colégio Estadual de Bananeiras e emérito defensor da educação e da cultura do nosso povo".

Uma questão a se apontar é que na frente do Museu se encontra um busto do então presidente do estado da Paraíba (entre os anos de 1916 e 1920) Sólon de Lucena⁸. Considerado filho ilustre da cidade, seu busto é confundido pelos visitantes do museu como se fosse a imagem de Simeão Cananéia. Outro fato curioso é a dissonância da escrita em vários documentos do museu quanto ao nome que o intitula. No regimento interno (2015) aparece "Simeão Cananea", no Inventário: exposto e reserva técnica (2017) e na identificação da placa da instituição (2009)

⁷O Patronato Agrícola Vidal de Negreiros foi destinado a educar a infância "desvalida" do Estado. Mesmo se tornando Escola Agrotécnica e a *posteriori* Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, sua matriz pedagógica sempre esteve voltada a educar e profissionalizar os "menores" da cidade.

⁸Sólon Barbosa de Lucena nasceu na cidade de Bananeiras (PB) no ano de 1877. [...]foi professor em sua cidade natal e dedicou-se muitos anos ao magistério. [...] eleito deputado estadual na Paraíba e presidente da Assembléia Legislativa. [...] em 1916 assumiu a presidência do estado [...]. Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LUCENA,%20S%C3%B3lon%20Barbosa%20de.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2019.



apresenta-se “Simeao Cananea”, já na Lei de criação encontra-se “Semeão Cananéia”. Tais contradições geram dúvidas e demonstram problemas pedagógicos que carecem de reflexão⁹.

Sobre isso, é preciso destacar que pedagogicamente o museu é um espaço que tem a finalidade de promover experiências de aprendizagem, atreladas ao patrimônio e a história. Espaço de 'resgate' da memória, mas também local de investigação e práticas sócio-educativas, os profissionais que no Museu atuam precisam saber lidar com os elementos que o compõe, desde a sua disposição temática e temporal à representação e linguagem utilizada. Em Bananeiras, muitos habitantes desconhecem quem foi Simeão Cananéia e questionam o nome que postula a identificação do Museu.

Outras contradições surgem ainda no garimpar de dados sobre a história do MSC. Nas conversas informais obtidas nas investigações de campo, descobrimos a possibilidade de ter havido outros “museus”¹⁰. O primeiro funcionava numa sala pertencente ao prédio da Prefeitura, local que se destina hoje a farmácia municipal. O segundo, também sem denominação e ata de instituição, esteve possivelmente localizado no antigo Centro Cultural Isabel Burity, hoje Espaço Cultural Oscar de Castro. Neste Centro também funciona a biblioteca municipal. Ambos os espaços não trazem nenhuma documentação específica de sua destinação como museu.

Nos deparamos ainda com informações que apontam que “O museu foi criado no lugar onde está hoje a casa do gerente da Antiga Estação de trem”, e que seu acervo foi constituído em “grande parte pelo acervo coletado e cuidado pelo historiador Manuel Luiz¹¹, que também era diretor da Biblioteca Municipal¹². Em seguida foi que se iniciou uma campanha para doações”. No entanto, o primeiro responsável pelo planejamento e pelas suas instalações foi o museólogo Augusto Moraes, da Universidade Federal da Paraíba.

O que podemos identificar, de antemão, é que o MSC pode ser considerado como um museu de “bairro/cidade”, isto é, aquele cujo enfoque é dado sobre a história e a cultura de determinada localidade.

⁹Devido as diversas formas de transcrição, optamos para este artigo pela seguinte escrita: “Simeão Cananéia”

¹⁰ Encontramos no acervo da Câmara Municipal da cidade o Ante- projeto de Lei Nº16/1991, que cita a criação do Museu Municipal Ivaldo Lucena. No entanto, no espaço físico de Bananeiras seus moradores desconhecem este ambiente. Por isso, constatamos que ele nunca foi criado.

¹¹Autor de diversos livros de memória sobre a cidade, tais como: 'Bananeiras: sua história, seus valores' (1997), 'Bananeiras em Poemas e Crônicas' (1999) e 'Bananeiras: Apanhados Históricos' (2007).

¹² Inúmeras bibliotecas são citadas nos livros de memórias que consultamos, mas apenas a Biblioteca José Antônio Aragão existe na cidade.



'HOJE É DIA DE VISITAR O MUSEU!'. UMA CARTOGRAFIA DO MSC

O MSC costuma ser aberto diariamente. Suas visitas (ou também conceituadas 'mediações') costumam ser organizadas da seguinte forma:

- **'Visita-mediada'**: na qual o visitante se comunica com o técnico do museu, obtendo mais liberdade para a aquisição das informações desejadas. De maneira mais autônoma o visitante desta abordagem pode concentrar sua atenção naquilo que mais lhe chama atenção, dialogando com o auxiliar técnico administrativo apenas para obter esclarecimentos mais pontuais, sobre dúvidas e curiosidades. Nesta abordagem não se tem o tempo cronometrado ou roteiro a ser seguido.
- **'Visita-guiada'**: geralmente realizada em passeios turísticos e eventos esporádicos promovidos pelo MSC (como a Semana dos Museus e a Exposição Fotográfica). Os guias turísticos passam a acompanhar o grupo de visitantes, definindo um roteiro de lugares a ser visitados, entre eles o espaço do Museu. Neste caso, há uma delimitação do tempo para a visita e as informações são fornecidas a um público alvo, como os turistas por exemplo. Informes mais gerais são passados, tais como: breve história de Bananeiras, do local onde está situado o museu e a sua ligação com a antiga estação ferroviária. A apresentação se torna mais do espaço do que propriamente do acervo da instituição.

Sua ambientação apresenta seis salas, que para o melhor entendimento do leitor foram nomeadas por nós como 'salas temáticas':

- **Sala de apresentação** – Lugar em que geralmente se começa a visitação. Nela se inicia a apresentação da 'origem' da cidade Bananeiras, evidenciando suas raízes indígenas (através de elementos expostos nas paredes). Neste espaço ainda se encontram objetos que foram utilizados por escravos nas fazendas das famílias abastadas do café.
- **Área central** – Neste ambiente são expostas as coleções de porcelanas, como também máquinas antigas (de fotografar, de calcular, de escrever, de costurar). As porcelanas se encontram em caixas de vidro, enquanto as máquinas estão dispostas em prateleiras abertas.
- **Sala dos objetos antigos** – Espaço onde objetos diversos são expostos sem uma vinculação específica entre eles, como os utensílios para fins domésticos e para a agricultura. A maioria deles datados do início do século XX.
- **Sala dos Artesanatos** – Neste setor estão dispostos os artesanatos em barro, renda e cisal. Parte da produção cultural atual da cidade.



- **Sala de multimídia** – Neste ambiente os funcionários da instituição e os guias turísticos podem transmitir vídeos sobre o patrimônio histórico-cultural da cidade, suas tradições e costumes. Constan no acervo midiático do museu: “Contadores de Histórias” e “Oficina de Animação– Cine SESI Cultural” (sem ano de produção ou referências bibliográficas).
- **Espaço de passagem** – Um corredor, onde se encontram o Livro de Assinaturas para os visitantes e algumas fotografias (sem anos de publicação). Neste espaço ainda existem quadros que contam a trajetória e os 'grandes feitos' de Simeão Cananéia. Porém, observamos que não há um enfoque específico para este espaço, sendo ele realmente apenas destinado a um lugar de passagem.
- **Área Externa** – Como já apontamos anteriormente, encontra-se nesta área o busto de Sólon de Lucena. Nele consta a seguinte gravação: “O trem chegará a Bananeiras nem que seja por debaixo da terra”. Foi em seu governo que houve a construção da malha ferroviária da cidade.

Percebemos que esta divisão temática induz os visitantes a refletirem sobre períodos históricos dispersos, sem uma ligação temporal/fio condutor entre os ambientes. A ausência de banheiros e bebedouros para funcionários e visitantes, atrelada a falta de um sistema de segurança e climatização adequada torna o espaço interno do Museu passível a diversas críticas. Acerca disto, o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p. 30) cita:

Art. 23. Os museus devem dispor das condições de segurança indispensáveis para garantir a proteção e a integridade dos bens culturais sob sua guarda, bem como dos usuários, dos respectivos funcionários e das instalações.

Parágrafo único. Cada museu deve dispor de um programa de segurança periodicamente testado para prevenir e neutralizar perigos.

No que se refere a escolha das peças que compõe o acervo museológico, a Lei Municipal Nº 381, Art.3º, Parágrafo Único cita:

O Museu constituirá seu acervo com peças que representem o desenvolvimento econômico e social do Município e, também a evolução dos meios de transporte e comunicação, além de fatos, pessoas e coisas que lembrem personalidades que contribuíram com essa evolução histórica municipal. (BANANEIRAS, 2007).

O acervo da instituição está constituído, em sua grande maioria, por diversas doações, que contemplam as coleções de porcelana, móveis de época, artesanatos, peças de uso doméstico, documentos históricos, estátuas religiosas, bustos, quadros, pilões de madeira, máquinas de época, lamparinas, entre outros. Este acervo está disposto em prateleiras, num ambiente sem climatização adequada, expostos a poeira e a umidade. De acordo com o Estatuto Brasileiro de Museus (2013,



p. 131) para adquirir novos objetos para o acervo é necessário que a instituição confira a apropriação legal do artefato, fazendo um levantamento do seu histórico e confeccionando um documento que oficialize a possível doação:

Um museu não deve adquirir um objeto quando existam indícios de que a sua obtenção envolveu dano ou destruição não autorizada, não científica ou intencional de monumentos, sítios arqueológicos, geológicos, espécimes ou ambientes naturais. Da mesma forma, a aquisição não deve ocorrer sem que haja conhecimento da descoberta por parte do proprietário ou do possuidor da terra em questão ou das autoridades legais ou governamentais competentes.

Não conseguimos encontrar nenhum documento no acervo do MSC sobre estas doações. Segundo o "Inventário: Acervo exposto e Reserva técnica (2017)", a instituição possui um total de aproximadamente 138 peças, sendo 44 peças apresentadas em forma de acervo exposto e 94 a compor a reserva técnica, localizada no almoxarifado. Estas últimas não estão a disposição dos visitantes, tornando reduzido o número de objetos a serem conhecidos e explorados. Outras carecem de observações quanto ao seu estado de conservação, estando corroídas por cupins, quebradas e/ou descaracterizadas. Mas também existem aquelas que se encontram em perfeito estado e mesmo assim continuam armazenadas no almoxarifado. Para o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p. 135), a instituição tem por responsabilidade zelar pelo seu acervo, monitorando seu estado de conservação para evitar a deterioração.

O museu deve acompanhar com atenção o estado de conservação dos acervos para determinar quando um objeto ou espécime necessita de intervenções de conservação-restauração ou de serviços de um conservador-restaurador qualificado. O principal objetivo deve ser a estabilização do objeto ou espécime. Todo procedimento de conservação deve ser documentado e, na medida do possível, reversível; toda alteração do objeto ou espécime original deve ser claramente identificável.

Essas ações corroboram para a manutenção do acervo museal, e para a preservação da riqueza cultural resguardada na instituição. Ainda de acordo com o Caderno de Diretrizes Museológicas (BRASIL, 2006, p. 155), "a guarda de um acervo demanda uma reserva técnica, com condições físicas adequadas, condições climáticas estáveis e condições de segurança apropriadas à conservação das obras". No MSC encontramos esta adequação ainda muito distante, estando as peças amontoadas ou apenas embaladas em caixas e sacolas. Outras se encontram no chão, sem a devida condição de armazenamento e climatização.



A maioria dos elementos expostos na instituição estão identificados, mas sem uma devida padronização. Alguns são assinalados pelo nome, década/ano em que foram fabricados; outros pelo nome e o país de origem, e ainda existem outros que estão identificados com nome, país de origem e ano/década. Sobre isso, as Diretrizes Museológicas apontam a necessidade de se conhecer as orientações produzidas pela Museografia, ou seja, um

Campo do conhecimento responsável pela execução dos projetos museológicos. Através de diferentes recursos — planejamento da disposição de objetos, vitrines ou outros suportes expositivos, legendas e sistemas de iluminação, segurança, conservação e circulação — a Museografia viabiliza a apresentação do acervo, com o objetivo de transmitir, através da linguagem visual e espacial, a proposta de uma exposição (BRASIL, 2006, p. 151).

No MSC duas das três vitrines expositivas estão preenchidas de peças, dificultando a observação/contemplação de todos os elementos, bem como sua identificação. Acreditamos que seria fundamental uma melhor distribuição do acervo em vitrines bem iluminadas, compostas por prateleiras e por uma identificação padrão. O museu possui uma iluminação com lâmpadas de uso comum, e devido a altura de seu telhado, os objetos que se encontram no acervo acabam ficando sem iluminação direta.

Diante desta caracterização do espaço e do acervo, vemos que a infraestrutura do MSC acaba endossando a imagem do museu como uma espaço em 'preto-branco', sem vida e sem estímulo a aprendizagem.

AS MÃOS QUE LÁ TRABALHAM

O MSC possui um quadro de funcionários bastante reduzido, estando atualmente composto por apenas dois servidores. Eles acumulam tarefas, sendo responsáveis tanto pela limpeza do recinto quanto pelas atividades de recepção dos turistas. Trabalhos como a higienização e a restauração de algumas peças do acervo, catalogação temática, entre outras que exigem uma formação adequada parece não acontecer no museu.

Segundo o Estatuto Brasileiro de Museus (2013, p. 34), a equipe de funcionários pode está composta por "[...] funcionários dos museus, além de especialistas, parceiros sociais, usuários e consultores externos, levadas em conta suas especificidades". Em museus de grande porte deve existir a presença de um museólogo, que é um profissional responsável pela administração e



organização do espaço do museu, atentando para a disposição do acervo da instituição e pelas atividades que lá acontecem: como a catalogação dos elementos, averiguação do estado de conservação do acervo, dentre outras atividades.

Neste aspecto, e na ausência de um museólogo, o MSC tem sido administrado por um funcionário, atuante na instituição desde o ano de 2012. Em entrevista¹³, ele faz um apanhado sobre os antigos administradores deste espaço:

O museu foi inaugurado em 2009 e seu diretor era o Sr. *Roberto*. Com a sua saída, foi substituído pela professora *Marília*, que permaneceu no cargo até 2011. Em 2012 ocupei o cargo de diretor, até meados de 2014, quando renunciei. Atualmente o museu não tem diretor. Cheguei ao museu no ano de 2010 e fui escolhido diretor pelo trabalho que já vinha apresentando. Então dei apenas sequência ao trabalho que realizávamos de terça feira a domingo, recebendo escolas e turistas nos finais de semana, desenvolvendo atividades de acordo com o público. *As alterações em itálico são nossas, com vistas a preservar o anonimato dos sujeitos.* (AGUILAR, 2017).

Responsável por todas as tarefas que cercam este ambiente, Aguilar aponta como recebe os visitantes e as atividades que tem buscado realizar no Museu, mesmo sem estar a frente como diretor da instituição:

Minha primeira atividade foi inserir o museu na programação nacional da “Primavera dos Museus”, que ocorre na segunda semana de Setembro. Atualmente recebemos o público desenvolvendo as atividades de acordo com a faixa etária, quantidade de pessoas e de acordo com o perfil do turista. [...] atualmente o museu encontra-se sem diretor e a equipe é composta por dois funcionários ficando um durante a semana e outro nos finais de semana e feriados. A maior dificuldade é o reduzido quadro de funcionários. (AGUILAR, 2017).

Sobre o quadro de funcionários de um museu, o Estatuto Brasileiro de Museus (BRASIL, 2013, p. 29) dispõe que:

Art. 17. Os museus manterão funcionários devidamente qualificados, observada a legislação vigente.

Parágrafo único. A entidade gestora do museu público garantirá a disponibilidade de funcionários qualificados e em número suficiente para o cumprimento de suas finalidades.

Estas disposições ainda enfatizam que a equipe que trabalha nos museus deve sempre obter estímulos para participação em “[...] cursos, ateliês e seminários, visando a atualização de

¹³ Um nome aleatório foi escolhido para nomear o nosso colaborador entrevistado, com vistas a manter seu anonimato.



conhecimentos dos funcionários de museus, não só no que diz respeito às suas diferentes especialidades, mas também em relação à visão interdisciplinar que o museu deve ter" (BRASIL, 2013, p. 121). Acrescentamos ainda a necessária presença de um pedagogo para compor o grupo de trabalho, uma vez que o museu lida cotidianamente com questões educacionais, sejam de cunho formal (pela visita de instituições escolares) ou não formal (por lidar com questões que envolvem a Educação Patrimonial, dentre outras).

Como suporte de divulgação e comunicação o MSC possui apenas uma página numa rede social¹⁴, na qual se publica a realização e programação de algumas de suas atividades. Tais notícias são atualizadas a partir do compartilhamento de fotos de escolas e turistas que visitam a instituição. Em sites institucionais do governo municipal não há traz nenhuma aba de discussão a respeito do Museu, tendo apenas algumas informações de eventos que lá aconteceram no item de 'notícias', datadas ainda do ano de 2015.

Os meses de julho, agosto e setembro constituem o período em que ocorreram o maior número de visitantes, por estar está atrelado a realização de eventos turísticos na região. No mês de julho Solânea, cidade vizinha a Bananeiras, recebeu o Caminhos do Frio, no mês seguinte este evento foi sediado em Bananeiras. Já no mês de setembro ocorreu a Exposição Fotográfica '*Bananeiras ontem e Hoje*'. Mesmo o MSC não tendo desenvolvido um planejamento de atividades específico para eventos os meses de julho a agosto se destacam pelo número de visitantes/turistas, tantos aqueles interessados em seu acervo quanto aqueles que foram com o objetivo de visitar o Complexo Ferroviário.

Compreendendo o Museu como "[...] um estabelecimento permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberto ao público, que coleciona, conserva, pesquisa, comunica e exhibe, para o estudo, a educação e o entretenimento, a evidência material do homem e de seu meio ambiente" (BRASIL, 2013, p. 14), acreditamos que melhor poderia ser aproveitado o potencial pedagógico do MSC, desde que houvesse um maior interesse das instituições que o coordenam em conduzir e melhor planejar as atividades que nele poderiam acontecer.

¹⁴ Disponível para consulta no seguinte endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/museusemeao.cananeaia>. Acesso em: 10 jan. 2019.



Entre as atividades lá desenvolvidas durante o ano de 2017, período de nossa pesquisa, aconteceram: “A Semana dos Museus” e a “Primavera dos Museus”. Sobre elas observamos os seguintes aspectos:

- **Semana dos Museus:** Este evento acontece em âmbito nacional e é promovido pelo IBRAM, no entanto cada instituição planeja suas atividades. No MSC, durante o ano de 2017, foram pensadas atividades¹⁵ que se distanciavam, de certa forma, do cunho educativo, se destinando apenas a visitação de turistas, guiados pela presença de um guia turístico.

Os funcionários que recepcionavam os visitantes demonstravam certo despreparo nas informações transmitidas. Isto pode estar atrelado tanto a falta de capacitação e formação específica para atuação no museu quanto ao que descobrimos posteriormente, uma vez que tais servidores haviam sido deslocados de cargo. Este tipo de situação pode gerar desmotivação na visita, como também não suscita estímulo e curiosidade em conhecer a história do espaço e do lugar que ele carrega.

Durante o evento ainda houveram visitas de escolas e creches da rede de ensino municipal, mas também de turmas do sistema de ensino privado. A visita seguia uma sequência pré-estabelecida: o guia ou o professor, juntamente com o funcionário, seguiam apresentando os espaços do museu, os alunos observavam e comentavam sobre os objetos expostos. Após estes momentos todos seguiam para sala de multimídia, o vídeo (sem identificação) exibido trazia uma sequência de temáticas desconexas e confusas, que se distanciavam do objetivo da atividade, que era a de sensibilizar os alunos para conhecerem a história local e despertar o estímulo a preservação do que é histórico na cidade.

- **Primavera dos Museus:** É um evento realizado anualmente, estando na sua 11ª edição. Em 2017 teve como tema “Museus e suas memórias”. Em Bananeiras foi realizada uma exposição fotográfica intitulada “*Bananeiras, ontem e hoje*”, retratando através de fotografias uma visão de Bananeiras do passado e do presente. A atividade realizada teve a presença do guia turístico, autor da exposição, em alguns dias do evento. Nesta ocasião ele explicava as mudanças que ocorreram

¹⁵ Tais como: “Exposição dos acervos que se encontram no museu; Contar a histórias das peças e por quem foram doadas; Concursos de cartazes sobre o tema; Visitação ao Casarão ou Engenho da Rainha; Palestra com professor de História sobre o tema; Exibição de filmes relacionados com museus - “o ciclo da cana de açúcar”; Oficinas sobre o ciclo da cana de açúcar; Apresentação de capoeira - dança afro; Fazer divulgação da “Semana do Museu”; Fazer um convite oficial para as escolas” (PLANEJAMENTO DO EVENTO, 2017).



nas principais ruas da cidade e mencionava a importância de se preservar os edifícios e casarões tombados.

Na ausência do guia, os funcionários cumprimentavam os visitantes e explicavam do que se tratava a exposição, logo em seguida os visitantes observavam as fotos e comentavam entre si, sem maiores explicações. E ao final, surgia a frase: “Quando terminar assine o livro de assinatura!”. A exposição é uma atividade bastante interessante e significativa, no entanto sem direcionamento e mediação pedagógica a visita fica imersa em lacunas, retratando a falta de vínculo entre a história e seus sujeitos.

POR UMA NOVA PEDAGOGIA DE OLHAR: (RE)VISITANDO O MSC

O ato de ver não é uma coisa natural. Precisa ser aprendido.
(Rubem Alves)

A pedagogia do olhar é uma prática educativa que se propõe a exercitar nos sujeitos o olhar sensível, na busca de vivenciar uma experiência em todos os seus detalhes. O museu é o lugar ideal para a utilização dessa abordagem, pois é um ambiente rico em elementos visuais, que precisam ser contemplados, refletidos e interpretados pelos seus visitantes.

Inspiradas pelos pressupostos da EP e movidas por um objetivo de pesquisa que norteava uma reflexão sobre o MSC, mas também a (re)apresentação deste espaço a partir de novas possibilidades pedagógicas, foi que acompanhamos a primeira visita ao MSC de uma turma do pré I (composta por 10 alunos com faixa etária de 4 e 5 anos de idade) da Escola de Educação Infantil Donzinha Bezerra, Bananeiras/PB. Este primeiro contato com o museu poderia nortear suas percepções futuras, instigando-os a pensar este espaço como colorido e cheio de vida.

No primeiro momento recebemos a turma no MSC e começamos a sabatiná-los sobre o que eles fariam ali? O que eles esperavam deste "passeio"? Este levantamento foi primordial para colher dos pequenos os conhecimentos prévios que traziam a respeito da instituição. Em seguida, convidamos os discentes e a professora para realizarem uma pequena caminhada pelo Complexo da Estação, nesta oportunidade fizemos um resumo dos principais acontecimentos que marcaram o lugar em que o MSC está situado. Pudemos perceber o brilho nos olhos das crianças quando contamos que no passado havia um trem que transportava as pessoas em seus vagões de um lugar para outro.



FIGURA 08 - Momento da caminhada pelo Complexo da Estação.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa HEBP, 2017.

Voltando ao museu ilustramos, através de uma maquete por nós produzida, como funcionava o Complexo, evidenciando a finalidade social de cada prédio no passado. Isto é, o atual restaurante como a plataforma de embarque e desembarque do trem', a Pousada como o 'antigo armazém que guardava produtos, principalmente o café', o prédio que funciona o museu como 'a casa onde morava o fiscal do Trem'. Com esta metodologia, ofertamos uma viagem pelo mundo da imaginação. A medida que apresentávamos o espaço, as crianças encenavam o trem, participando ativamente deste momento.



FIGURA 09 - Momento da apresentação do complexo através de maquete.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa HEBP, 2017.

Esta abordagem teve como direcionamento o que propõe o Guia de EP, que assinala que:

Ao utilizar um **monumento** ou **sítio histórico** no processo educacional, como parte integrante do programa curricular em diferentes disciplinas, estamos propondo uma série de questões, das quais a principal é: *como era este lugar no passado e como ele mudou?* As questões que ocorrerão podem ser: *quão antigo é o lugar? Quem o construiu? Porque o construíram? Como o construíram? Como se relaciona com outros lugares ou construções antigas? O que aconteceu aqui? Como sabemos isto?* Na base destas perguntas está a intenção de compreender a **evidência física** que observamos, com o intuito de conhecer mais sobre ela, sobre a vida no local e as mudanças que ocorreram, de modo a perceber sua importância ou significados no presente. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO; 1999, p. 19; grifos das autoras).

Indagações como estas foram surgindo e a cena foi se desencadeando a medida que as crianças participavam. No momento seguinte, conduzimos as crianças aos espaços internos da instituição, apresentando os objetos expostos e esperando que deles surgissem os questionamentos. Por meio de uma contação da história, íamos conduzindo as crianças, situando-as no tempo a partir de *insights* despertados pelas suas memórias afetivas. De acordo com o Guia de EP (1999, p. 18.), "[...] para as crianças, com um tempo de vida mais recente e menor do que os adultos, quase tudo que as rodeia é produto de um “passado distante”, do tempo da vovó. A própria casa, a família ou a escola podem ser material útil para iniciar a compreensão da mudança e continuidade".



Em todo o tempo da visita, a partir do encontro com determinado artefato, saberes em torno do patrimônio e da história local iam sendo construídos. Em seguida, passamos a confecção da massinha de modelar caseira, para que por meio dela eles construiriam as suas próprias representações do que mais lhes chamaram atenção no acervo. Esta atividade interdisciplinar também corrobora para o desenvolvimento da coordenação motora da criança.

FIGURA 10 - Elementos do acervo reproduzidos em massinha de modelar.



Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa HEBP, 2017.

Segundo Dohme (2003) a prática de atividades pedagógicas em instituições históricas pode também ser desenvolvida por meio de jogos didáticos, que promovem o desenvolvimento de várias habilidades, como a afetividade e a assimilação das regras que circundam na sociedade. Sob este olhar, os jogos auxiliam no processo de apropriação do conhecimento sobre o patrimônio histórico cultural, de forma agradável e lúdica.

Dividimos a turma em duplas e distribuimos jogos da memória e quebra-cabeças (produzidos por nós artesanalmente), com imagens e representações das edificações tombadas do Centro Histórico de Bananeiras. Outras imagens traziam ainda elementos que compõe o próprio acervo do museu.

**FIGURA 11** – Jogos de memória e quebra-cabeças

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa HEBP, 2017.

As crianças tiveram, dentro do tempo da visita, oportunidades para brincar com os jogos. Todas estas experiências narradas foram pensadas a partir do que sugere o Guia de EP (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO,1999), quando aborda as etapas necessárias para o planejamento de uma atividade em EP. Segundo ele: 1. **Observação** (nesta etapa instigamos o olhar sensível das crianças, levando-os/as a contemplar o acervo museológico e a tocar os objetos (os que podiam)); 2. **Registro** (nesta fase discurremos sobre o registrar a experiência por meio da fotografia e da modelagem, a fim de que através do material produzido as crianças materializassem os saberes adquiridos; 3. Exploração (a terceira etapa diz respeito ao momento das crianças construírem suas memórias a partir das relações cotidianas) e 4. **Apropriação** (nesta última etapa houve o momento de internalização da experiência educativa, por meio da expressão de atitudes de identificação com o patrimônio, sementes que se desdobrarão no desejo de preservação e valorização do que é histórico).

Após este momento final realizamos uma roda de conversa abordando tudo que havíamos aprendido no MSC. As crianças compartilharam o quanto gostaram da visita, e ficaram ansiosos/as para retornar ao museu!!! No museu somos capazes de viajar no/pelo tempo, criando e vivenciando um universo de imaginação e aventura histórica, rumo ao conhecimento. O encantador de se visitar um museu é se deixar envolver nas narrativas que ele tece, cientes que ao retornamos ao mesmo



museu novas descobertas sempre acontecerão. Este novo e frequente olhar precisa estar orientado por intenções pedagógicas, daí a necessidade de se pensar este espaço como um lugar dinâmico e educativo.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Palau. *Sobre o Museu Simeão Cananéia*. Entrevista concedida a Rayane Cristina Ilário Nascimento. Trabalho de Conclusão de Curso, Bananeiras, nov. 2017.

BANANEIRAS. *Lei Municipal nº 381, de 20 de dezembro de 2007*. Cria o Museu Simeão Cananéia. Disponível em: <http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/arquivos/acervos-diversos/livros-de-atas-e-decretos-bananeiras>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BRASIL. *Estatuto Brasileiro de Museus*. Legislação sobre os museus. 2. ed. Brasília: Câmara dos deputados, 2013. (Série Legislação)

BRASIL. *Caderno de Diretrizes Museológicas*. 2. ed. Brasília: Ministério da Cultura / IPHAN, Superintendência de Museus, 2006.

DOHME, Vânia. *Atividades Lúdicas na Educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado*. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. IPHAN: Brasília, 1999.

MATTOS, Yara. *Os museus e seus amigos*. Disponível em: <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/>. Acesso em: 29 nov. 2017.

MUSEU SIMEÃO CANANÉIA. *Regimento Interno*. 2015.

MUSEU SIMEÃO CANANÉIA. *Inventário: Acervo exposto e Reserva Técnica*. 2017.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. São Paulo: PUC, 1993. p. 7-28.

PARAÍBA. *Decreto nº 31.842, de 03 de dezembro de 2010*. Tombamento do Centro Histórico de Bananeiras. Disponível em: <http://www.cchsa.ufpb.br/heb/contents/arquivos/acervos-diversos/livros-de-atas-e-decretos-bananeiras>. Acesso em: 10 jun. 2017.



PAULINO, Kleber Magno Toscano. *Um olhar elementar sobre a cidade de Bananeiras - PB*. 2007. 39 f. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa – Campus I, João Pessoa - PB.

SILVA, Manoel Luiz da. *Bananeiras: sua história, seus valores*. Bananeiras, 1997.

Recebido em: 14 de agosto de 2018

Aceito em: 25 de outubro de 2019